

# PREPOSIÇÕES DE DP DATIVOS NA ESCRITA DE DOIS EX-ESCRAVOS BRASILEIROS EM ATAS DO SÉCULO XIX

ISIS JULIANA FIGUEIREDO DE BARROS

Mestrado em Língua e Cultura - UFBA/CNPq

julianaisis@gmail.com

## Resumo

Este trabalho apresenta uma análise parcial da realização das preposições *a* e *para* diante de complementos dativos. Tomou-se como amostra, um corpus de 21 das atas de ex-escravos brasileiros, editado por Oliveira (2006). A preposição *a* é a mais frequente em todo o corpus, quase não há realização da preposição *para*, vindo a ocorrer somente nas atas de 1894. Conforme visto em estudos anteriores em corpora do século XIX, há uso mais frequente da preposição *a* nas atas analisadas, o que indica influência da norma culta ou padrão do português de Portugal por se tratar de um corpus escrito e não falado.

Palavras-chaves: Preposições. DP dativo. Português Afro-brasileiro. Atas do século XIX.

## Abstract

This paper presents a partial analysis of the realization of the prepositions *a* and *para* before dative complements. It was taken as a sample, a corpus of 21 minutes of ex-slaves in Brazil, edited by Oliveira (2006). The preposition *a* is the most common throughout the corpus, there is a few prepositions *para*, but only in minutes of 1894. How previous studies on nineteenth century corpora have showed, there is more use of the preposition *a*, it indicates the influence of standard Portuguese in Portugal because it is a written corpus, not spoken one.

Key words: Prepositions. Dative DP. Africa Brazilian Portuguese. Century XIX letters.

## Introdução

Desde o latim clássico, as preposições em geral desempenhavam um papel importante paralelamente aos morfemas casuais na atribuição de caso

aos argumentos da sentença. No português brasileiro (PB), não há marcação de caso morfológica, a atribuição de caso oblíquo é dada somente pelas preposições. Em relação à preposição que marca caso dativo, Lucchesi & Mello (2009), em seu texto sobre a alternância dativa, comentam que a mudança da expressão de caso no PB configura “um processo de simplificação morfológica, com a perda das marcas exclusivas de dativo, acompanhada da expansão do uso de uma preposição multifuncional”.

No PB atual, esse processo ocorre em contextos de verbos ditransitivos nos quais são bastante recorrentes as preposições *a*, *para* e *de*, sendo as duas primeiras introdutoras principalmente de DP, desempenhando papel de beneficiário e meta, e a última de DP, desempenhando papel de fonte. Vale ressaltar que no PB atual as preposições *a* e *para* são co-variantes quando introduzem um sintagma dativo, sendo que a preposição *para* tem frequência maior nas variedades populares brasileiras.

Observando a realização das preposições introdutoras de argumento dativo (*a*, *para*), neste trabalho, busquei observar este fenômeno em uma amostragem retirada a partir de um corpus editado por Oliveira (2006), o qual é constituído de atas do século XIX escritas por ex-escravos brasileiros, que eram sócios da Sociedade Protetora dos Desvalidos. Assim, o presente trabalho está dividido da seguinte maneira: na seção 2, faço uma breve descrição das principais características das preposições introdutoras de DP dativo, baseada em alguns trabalhos já realizados sobre o tema; na seção 3, apresento a metodologia abordada aqui; na seção 4, apresento o resultado da observação parcial do fenômeno no corpus; na última seção, finalizo o trabalho, apresentando algumas considerações sobre o tema.

## 2 Características do complemento dativo

O argumento dativo, segundo Morais, Ribeiro & Ferreira (2008), pode se manifestar, a depender da posição em que se realiza, das seguintes maneiras: (i) construção ditransitiva preposicionada, conforme em (1); ou (ii) construção de objeto duplo, como ocorre no inglês, conforme em (2):

(1) Maria deu um carro a Pedro.

V DP<sup>1</sup><sub>tema</sub> prep. + DP<sub>dat</sub>

(2) Maria gave Pedro a car.

V DP<sub>dat</sub> DP<sub>tema</sub>

A estrutura em (1) se caracteriza por possuir um predicado verbal que seleciona três argumentos: um externo (Maria), geralmente recebe papel temático agente, e dois internos (um carro; a Pedro), em que o primeiro, não preposicionado, recebe papel temático de tema e o segundo, introduzido por preposição, pode receber papel temático de beneficiário, alvo/meta ou fonte. Além disso, essas estruturas apresentam o complemento preposicionado posposto ao complemento que recebe papel temático de tema, ou seja, objeto direto, segundo as gramáticas tradicionais. Já a estrutura como em (2), apesar de possuir também três argumentos semelhantemente à primeira estrutura, nenhum de seus dois argumentos internos é preposicionado. Cada argumento recebe, evidentemente, um papel temático diferente, porém aquele que atua como beneficiário, meta/alvo ou fonte da ação aparece intercalado entre o verbo e o objeto direto (tema).

Basicamente, no português, o dativo de terceira pessoa pode ser realizado sob a forma de pronome clítico (lhe/lhes), sintagma nominal, ou pronome (nulo ou realizado fonologicamente), os dois últimos geralmente introduzidos pelas preposições a ou para. Não há, no entanto, de acordo com Morais & Berlinck (2006), realização muito frequente nas variedades do PB da forma pronominal cliticizada *lhe/lhes*, devido ao fato de acontecer uma reanálise da expressão morfológica do dativo na configuração gramatical do PB.

---

<sup>1</sup> *Determiner Phrase*

Dentro da perspectiva gerativista, as preposições *a* e *para* aparecem nestes contextos unicamente com a tarefa de atribuir caso dativo ao DP que atua como beneficiário na sentença, já que, pela teoria do Caso, o predicado verbal tem papel de atribuir caso acusativo ao DP tema. Desse modo, no PB atual, as preposições *a* e *para* são geralmente co-variantes quando aparecem como argumentos de verbos ditransitivos de transferência verbal ou perceptual, conforme em (3), transferência material, conforme em (4), movimento físico, conforme em (5) e movimento abstrato, conforme em (6) (vd. Morais e Berlinck, 2006).

- (3) Eu vou mostrar a quantia para você.
- (4) Posso emprestar este livro a Joana?
- (5) Eu levei uma maçã para ela.
- (6) Ele oferece emprego a todos seus amigos.

Há ainda outros contextos em que o DP recebe caso dativo da preposição, como aqueles tipos de verbos trabalhados por Lucchesi & Mello (2009): *faciendi*, conforme em (7), existenciais, conforme em (8) e *leves*, conforme em (9):

- (7) Camila preparou uma festa para sua irmã.
- (8) Não falta dinheiro a ela.
- (9) Joana deu um apoio a Pedro.

Morais & Lima-Salles (2007), ao observarem no PB o comportamento das preposições *a* e *para* em contextos sintáticos cuja estrutura do VP<sup>2</sup> possui o argumento dativo, constataram que essas preposições parecem ter peso semântico, sendo, portanto, núcleos de categoria lexical PP.

"In the absence of the applicative configuration, the indirect object is projected as a prepositional phrase (PP), introduced by a lexical/true preposition<sup>3</sup>". (Morais & Lima-Salles, 2007, p. 06)

---

<sup>2</sup> *Verbal Phrase*

<sup>3</sup> Tradução: na ausência da aplicação, o objeto indireto é projetado como um sintagma preposicional introduzido por uma preposição verdadeira/lexical.

Morais & Berlinck (2006) mostram que no português europeu (doravante PE) a construção é diferente: além de não haver a realização da preposição para nestes contextos, a preposição a seria meramente um marcador de caso dativo (a-DP). Interessante notar também que a preposição para no PE pode ocorrer com DP dativos em contextos como os dos verbos faciendi, por exemplo, em que a preposição participa da seleção semântica do DP. As autoras também levantam a hipótese de que o PB teria sofrido uma reanálise nas propriedades gramaticais de expressão morfológica do dativo, e, como consequência, passou a apresentar configurações gramaticais diferentes do Português Europeu (PE):

"O PB se distancia do PE, de forma marcante na língua falada, não só pelo uso preferencial da preposição para, como também pela ausência dos pronomes lhe/lhes em seu uso como 3ª pessoa." (grifo meu) (Morais & Berlinck, 2006, p.99)

Os dados analisados por Berlinck (2001, apud Moraes & Berlinck, 2006), em corpus do século XVIII, apontaram um uso quase categórico da preposição a. Já em relação à preposição para, além do uso ser menos frequente, realizava-se normalmente em contextos em que os verbos ditransitivos selecionavam DPs dativos com traço [-animado], além disso, esses DPs também não comportam os pronomes lhe/lhes, nem o pronome tônico ele<sup>4</sup>, como seus correspondentes anáforicos, como mostra o exemplo em (10) abaixo:

(10) Acharam situados já naquela mesma parte aos P.P. Jesuitas Castelhanos com os seus índios com caminhos feitos de Carros, e cavalgadas em que conduziam a prata para suas aldeias, e como foram sentidos, vendo ser maior o poder dos ditos P.P., (grifos meus) (Relatos Sertanistas, 1730, apud Moraes & Berlinck, 2007)

---

<sup>4</sup> Moraes e Berlinck (2007) comentam que, no PB atual, o objeto indireto dativo deixou de ter como correspondente anafórico os pronomes lhe/lhes, passando o pronome tônico ele a exercer essa função.

Morais & Berlinck (2006) comentam ainda que esse quadro não muda nos dados encontrados por Berlinck (2000, apud Moraes & Berlinck, 2006) em peças de teatro do século XIX, ainda com a predominância da preposição *a*. Já Berlinck (1999) revelou que há uma diminuição progressiva da frequência da preposição *a* no PB e aumento da preposição *para*, ao longo do século XX. Diante dos resultados apresentados nestes trabalhos, parece que em um determinado período da história do PB, essas preposições assumiram a mesma função em contextos dativos, permitindo que houvesse a possibilidade de alternância/variação entre as duas preposições.

O resultado da observação dos dados nas atas dos brasileiros do século XIX, que será apresentado na seção 4 desse trabalho, parece apresentar situação semelhante ao que os trabalhos dessas autoras mostram. Antes disso, na seção a seguir, resumo como se dá a metodologia usada nesta análise.

### 3 Metodologia

Esta pesquisa foi realizada de acordo com a metodologia sociolinguística laboviana, cujo objetivo primário é identificar e investigar a influência de aspectos linguísticos e sociais<sup>5</sup> em processos de variação ou mudança. Com objetivo de realizar uma pesquisa variacionista, tomou-se como corpus a escrita de ex-escravos brasileiros do século XIX, os quais eram sócios da Sociedade Protetora dos Desvalidos, editado por Oliveira (2006).

Dentre um conjunto de 136 atas escritas por 11 brasileiros alforriados da escravidão, no Brasil oitocentista, foram selecionados dois tabeliões: Joaquim Malaquias de Santana (JMS) e Florêncio da Silva Friandes (FSF), o primeiro com 13 atas do ano de 1837, e o segundo com 8 atas do ano de 1894. Este corpus foi escolhido com propósito de se estabelecer uma amostra para o trabalho de dissertação que se seguirá posteriormente a este, observando a realização das preposições introdutoras de dativo, bem como os possíveis fatores linguísticos e históricos que podem ter contribuído para sua realização. Desse modo, nenhuma das reflexões sobre os resultados

---

<sup>5</sup> No entanto, não foi possível buscar aspectos sociais como faixa etária, sexo, etc, pois o corpus só disponibiliza o nome do autor (todos homens) e o ano em que ele escreveu.

apresentados aqui pode ser considerada definitiva, mas pode ser tomada, de certo modo, como um direcionamento inicial para uma análise futura.

### 3.1 Corpus

Esta subseção tem como objetivo único explicitar sucintamente como se deu a constituição do corpus por Oliveira (2006), de forma a mostrar o contexto em que os textos foram escritos, com base no segundo capítulo de sua tese.

De acordo com o autor, ainda no período em que ainda havia escravidão na Bahia, existiam espaços em que negros podiam atuar como autônomos. Esse quadro histórico permitiu a criação de espaços como as irmandades negras durante todo o período colonial e pós-colonial brasileiro, muitas vezes formados com propósito de manter alguns negros alforriados sob poder da classe senhorial. Uma dessas instituições, criada na segunda metade do século XIX, foi a Sociedade protetora dos Desvalidos, anteriormente nomeada por irmandade de Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos. Essa sociedade funcionou inicialmente como uma espécie de comissão de assistência a parentes e amigos dos associados que ainda não eram forros.

Os membros da Sociedade protetora dos Desvalidos deveriam preencher alguns requisitos como ser negro (de pele escura), do sexo masculino, livre ou alforriado. Esses negros eram divididos entre aqueles nascidos no Brasil, a maioria da Bahia, e aqueles nascidos no exterior, no caso: africanos. Para o autor, a alfabetização entre os sócios pode ser explicada pela religião mulçumana, devido ao fato de que seu fundador era mulçumano e se preocupava com a educação dos demais negros na época. Outro fator que favoreceu para o processo de alfabetização entre os membros foi a profissão que exerciam, a qual os qualificavam para exercer o ofício. A produção desses brasileiros alforriados pode ser constatada nas 136 atas, que serviam como registro das reuniões existentes com diversas temáticas e é sobre a observação de uma amostragem de 21 delas que tratarei mais adiante.

### 3.2 Tratamento dos dados

Para realizar o presente trabalho, primeiramente, busquei observar 21 atas retiradas do corpus de Oliveira (2006), em seguida, levantar as ocorrências de DP dativos preposicionados por a ou para, ou até mesmo com a preposição nula. O DP deveria desempenhar papel temático de beneficiário, meta, fonte ou experienciador<sup>6</sup>, conforme os exemplos em (11), (12), (13) e (14) respectivamente. Criei, então, uma chave de codificação que serviu para classificar as ocorrências de acordo com os aspectos a serem analisados e, em seguida, submetê-las ao programa Goldvarb2001.

(11) João deu uma boneca para Maria.

(12) Eu disse aquilo a Joana.

(13) Eu recebi de Ricardo uma carta.

(14) Eu fiz carinho a ele.

A chave de codificação foi elaborada tendo em vista as leituras realizadas sobre o assunto, já resenhadas na seção 2 deste trabalho. A chave possui como variável dependente o tipo de realização da preposição introdutora de DP dativo e nove variáveis explanatórias, oito linguísticas: tipo semântico de verbo; traço de animacidade do DP dativo; traço de animacidade do DP acusativo; posição do DP dativo em relação ao verbo; tipo de DP dativo; tipo de DP acusativo; pessoa do DP dativo; e somente uma sócio-histórica: ano em que foi escrito. Porém, nem todas as variáveis foram relevantes para a análise deste trabalho. Na seção seguinte, mostrarei como se deu a realização das preposições a e para na amostragem retirada do corpus e farei algumas considerações hipotéticas a respeito dos dados observados.

## 4 Resultado e análise dos dados

Nesta seção, apresento e descrevo as preposições introdutoras de DPs dativos encontradas nas atas produzidas por ex-escravos africanos na Bahia do século XIX, além da análise quantitativa dos fatores linguísticos e histórico que

---

<sup>6</sup> Em verbos leves ou faciendi, também levantados neste trabalho, o DP dativo pode possuir papel temático de experienciador.



podem ter interferido na realização da preposição que introduz DP dativo. Contudo, os resultados obtidos não são definitivos devido à falta da quantidade de dados necessários para uma análise mais concisa sobre o fenômeno.

Da amostragem analisada do corpus, foram selecionadas todas as ocorrências de preposição introdutora de DP dativo, conforme o quadro geral na Tabela 01. A preposição a se mostrou predominante em relação às outras preposições.

Tabela 01: Quadro Geral

	A	PARA	Prep. NULA	Total
Ocorrências	69	2	1	72
Frequência	96%	3%	1%	100%

Com 96% das ocorrências, a preposição a é a variante mais favorecida na realização do DP dativo nas atas, enquanto quase não há ocorrência da variante para, com somente 3% dos dados. As ocorrências com para são exibidas em (15a) e (15b). Além das ocorrências das preposições a e para, pode-se observar a ocorrência de um só caso da preposição nula nos contextos de DP dativo, conforme dado extraído do corpus e apresentado em (16):

(15) a. o Senhor presidente não concedeu a dispensa da leitura [...]para muito Senhores Socios que se achavam presentes[...] (FSF, 23, 17.06.1894)

b. Senhor presidente suspende a sessão, as 10 horas, dizendo que não designava o dia para nova sessão [...] (FSF, 102, 23.11.1894)

(16) [...]Domingo 18 de Junho do prezente eos fiscaes para avizarem [prep. Nula]oresto dos Irmãos epor esta asim com forme mandou o Viz Provedor fazer este termo[...] (JMS, 14, 04.06.1837)

O resultado da análise dos dados sobre a preposição introdutora de DP dativo em relação à variável ano em que foi escrito, que é dividida entre os anos de 1837 e 1894, corrobora o trabalho de Berlinck (2000, apud Moraes & Berlinck, 2006), em relação à sua análise em peças de teatro do século XIX. Os resultados da autora apontaram para maior predominância da preposição a

em relação à preposição para. Os dados podem ser apreendidos na Tabela 02 a seguir:

Tabela 02: Ano em que foi escrito

	A	PARA	Prep. NULA	Total
1894	52	2	0	54
	96%	3%	0%	100%
1837	17	0	1	18
	94%	0%	6%	100%
Total	96%	3%	1%	

Embora, na Tabela 02, se observe a predominância de a nos dois períodos apresentados, há um aumento da frequência da preposição para no ano de 1894, enquanto a preposição nula ocorre no ano de 1837 e não ocorre no ano de 1894. A ocorrência de para no ano mais recente é evidência de que a preposição para é a variante mais inovadora. Já em relação à ocorrência da variante nula não há como saber o que motivou seu apagamento, apenas pode-se inferir que o resultado pode ter sido originado do contato linguístico, conforme observado por Lucchesi (1999) na comunidade de Helvécia, ou até mesmo pode ter sido decorrente de uma falha da escrita do autor. Assim, a ocorrência de somente um caso de preposição nula não é suficiente para se traçar um quadro de variação entre a e nulo no período de 1837.

Na Tabela 03, observa-se que a ocorrência das preposições pode ser favorecida por estrutura do predicado verbal, levando-se em conta a posição do DP dativo em relação ao verbo:

Tabela 03: Posição do DP dativo em relação ao verbo

	A	PARA	Prep. NULA	Total
V acus dat	43	2	0	45
	95%	5%	0%	100%
V dat (acus)	26	0	1	27
	96%	0%	3%	100%
Total	96%	3%	1%	

Pode-se depreender da tabela acima dois aspectos importantes: i) a realização de para é favorecida pela estrutura V acus dat, com 5% das ocorrências comparando-se com o valor da média de 3%; ii) a ocorrência do DP dativo com preposição nula ocorreu com a estrutura V dat (acus), com 3% em relação à média de 1% das ocorrências. Diante desse quadro, levanto a hipótese de que haveria no restante do corpus a realização da preposição nula, quando a estrutura for uma construção de duplo objeto (V dat acus), isto é, quando o complemento dativo vem adjacente ao verbo, ainda que não houvesse muitas ocorrências de preposições nulas. Isto porque, conforme já mencionado na seção 2 deste trabalho, as construções de duplo objeto são caracterizadas por apresentar um complemento dativo não preposicionado, que recebe caso diretamente do verbo, sem a necessidade do auxílio da preposição, no caso do PB: a ou para.

As ocorrências das preposições introdutoras de DP dativo se mostraram variáveis em relação ao traço de animacidade do DP dativo também, como se pode ver na Tabela 04:

Tabela 04: Traço de animacidade do DP dativo

	A	PARA	Prep. NULA	Total
[Abstrato]	34	0	0	34
	100%	0%	0%	100%
[+humano]	25	1	1	27
	94%	3%	3%	100%
[-humano]	10	1	0	11
	90%	10%	0%	100%
Total	96%	3%	1%	

A preposição a é, a priori, mais favorecida pelo traço [abstrato]. Isto porque a temática das atas propiciou a ocorrência de DP com esse tipo de traço, conforme exemplo em (17). Já o traço [+ humano], exemplificado em (18), desfavorece a realização do a, devido à concorrência com a preposição para e a variante nula. Por último, o traço [-humano] é o que menos favorece a realização da preposição a, conforme exemplo em (19).

(17) [...]o Senhor Presidente submete-a a consideração dos Senhores Socios<sup>7</sup>  
(FSF, 11, 29.04.1894)

(18) [...]emprestar aqual quer Irmão ou particular<sup>8</sup> [...](JMS, 12, 02.04.1837)

(19)[...]porque metteu uma emenda ao paragrapho 6º, do artigo 40º[...](FSF, 13, 16.11.1894)

De acordo com classificação de Morais & Berlinck (1996) e a classificação utilizada no trabalho de Lucchesi & Mello (2009), conforme dito anteriormente na seção 2, outra variável que pode se mostrar relevante é o tipo semântico do verbo. Esses tipos de verbos, apesar de selecionar diferentes tipos de argumentos, apresentam características em comum, dentre elas, a presença do DP dativo no conjunto oracional – seja por seleção semântica do verbo, seja por seleção de uma preposição lexical (no caso dos verbos faciendi, por exemplo). Sendo assim, pensou-se sobre quais tipos de verbo poderiam favorecer ou desfavorecer a realização da variável Tipo de preposição, conforme Tabela 05:

	A	PARA	Nulo	Total
Movimento				
Abstrato	27	0	0	27
	100%	0%	0%	
Leve	15	0	0	15
	100%	0%	0%	
Transferência				
Material	14	1	0	6
	94%	6%	0%	

<sup>7</sup> Foram considerados dados que apresentaram a preposição a introduzindo DP dativo do gênero feminino, pelo fato de que os textos não apresentam acentuação alguma. Além disso, em todos os casos em que há DP no plural ou no masculino, a preposição escolhida é sempre a.

<sup>8</sup> Cavalcante & Figueiredo (2009) mostram que a preposição a é escrita presa à palavra seguinte do DP dativo que introduz. Segundo eles, “isso poderia ser consequência da generalização da regra da escrita que coloca juntos preposição e artigo masculino ou de uma reinterpretação de a como um prefixo”.

Transferência	12	0	1	13
Verbal/Perceptual	93%	0%	7%	
Faciendi	1	1	0	2
	50%	50%	0%	
Total	69	2	1	72
	96%	3%	1%	

Como se pode observar na tabela acima, a preposição *a* é realizada em todos os contextos, exceto em verbos do tipo movimento físico e do tipo existencial que não houve ocorrência alguma em toda amostra analisada. A preposição *a* foi mais favorecida pelos tipos de verbo de movimento abstrato e leve, ambos com 100% das ocorrências, conforme mostra os exemplos em (20) e (21) respectivamente:

(20) [...] pedindo que os Socios que se achavam fora, que tomassem assento, para poder se proceder a votação, sendo posta a emenda a votos, passou por maioria de votos [...] (FSF,62, 03.05.1894)

(21) [...] visto haver grande reclamação por parte dos Senhores Socios; pede a palavra o Senhor Socio Adão Costa, fasendo um elogio ao Conselho transactico [...] (FSF,106, 08.11.1894)

Já a preposição *para* foi mais favorecida pelos verbos de transferência material, com 6% das ocorrências em comparação à média de 3%, conforme exemplificado anteriormente apresentado em (15a) e (15b). A variante nula foi mais favorecida pelos verbos de transferência verbal/perceptual, com 7% das ocorrências em relação à média de 1%, conforme exemplo em (16) apresentado no início dessa seção.

Para melhor entendimento dos dados aqui expostos, tomou-se a análise de Cavalcante & Figueiredo (2009), em seu texto sobre complementos verbais diretos e dativos nas atas dos africanos, também editado por Oliveira (2006). Os autores mostram que há duas hipóteses possíveis para se explicar a

ocorrência em maior frequência da preposição a e não de para nas atas: i) a primeira delas é que “o processo de substituição de a por para não ser significativo na fala dos autores dos textos e da irmandade em geral”; ii) a segunda é que a preposição a é preferida pelos autores no processo de escrita, pelo fato de ser a variante padrão.

Os autores também comentam que os dados contrariam a ideia de que a inserção de para em dativos teria se originado pelo processo de aquisição irregular durante o contato linguístico, por ser a forma mais saliente fonologicamente. Porém, o trabalho diacrônico de Berlinck (2001, apud Moraes & Berlinck, 2006), já mencionado na segunda seção, cujos resultados apontaram para o surgimento da preposição para e o declínio de a somente no século XIX, parece corroborar com os resultados encontrados no presente trabalho e no trabalho de Cavalcante & Figueiredo (2009).

#### 4 Conclusão

Os dados encontrados indicaram que as preposições a é a variante mais frequente no corpus, quase não há realização da preposição para, e somente uma ocorrência da variante nula, sendo que a preposição para somente ocorreu no ano 1894, final do século XIX e a variante nula no início do século, em 1834. Em se tratando da posição DP dativo em relação ao verbo, a preposição a e variante nula foram mais favorecidas pela estrutura em que o DP dativo aparece adjacente ao verbo (V dat acus), já as duas ocorrências de DP dativo antecidos pela preposição para foram realizadas em construções ditransitivas (V acus dat), estrutura padrão no PB.

A preposição a foi principalmente mais favorecida pelo traço [abstrato] do DP dativo, enquanto que a preposição para ocorreu com DP dativos com traço [+ humano] e [-humano], já a preposição nula ocorreu com DP de traço [+humano]. O resultado da análise dos dados em relação ao tipo semântico do verbo contrariou as expectativas de que a preposição a ocorreria, sobretudo com verbos de transferência material, que, por sua vez, foi mais favorecida pelos verbos de movimento abstrato.

Conforme já dito no decorrer desse texto, os resultados não são definitivos, visto que o corpus constituído para esta análise não é suficiente para se determinar o comportamento das preposições introdutoras de DP dativo nas atas escritas por brasileiros forros do século XIX. Apesar disso, o resultado dos dados, quando condicionados a alguns fatores, coincidiu com aqueles dos trabalhos de Berlinck (2001 apud Moraes & Berlinck, 2006) e Cavalcante & Figueiredo (2009), justamente por isso, ainda que seja uma amostra de um universo de 136 atas, tais dados podem ser relevantes para os estudos sobre a variação dessas preposições no século XIX.

## Referências

- BERLINCK, R. A. (1999). O objeto indireto no Português Brasileiro do século XIX. Comunicação apresentada no II Congresso Nacional da Abralín – Florianópolis.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. (1985). Nova gramática do português contemporâneo. 2.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CAVALCANTE, Rerisson; FIGUEIREDO, Cristina. (2009). Complementos diretos e dativos. In: Tânia Lobo; Klebson Oliveira. (Org.). África à Vista: Dez Estudos Sobre o Português Escrito por Africanos no Brasil do Século XIX. Salvador: Edufba.
- LUCCHESI, Dante. (1999). A questão da formação do português popular do Brasil: notícia de um estudo de caso. A cor das letras, n. 3. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana. 73-100 p. Edição especial.
- LUCCHESI, Dante; MELLO, C. Alternância dativa. (2009). In: Baxter, Alan; Lucchesi, Dante; Ribeiro, Ilza; (Org.). O Português Afro-brasileiro. 1a ed. Salvador: EDUFBA.
- OLIVEIRA, Klébson. (2006) Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história: edição filológica de documentos e estudo lingüístico. Tese de Doutorado. UFBA, Salvador, BA.
- TORRES MORAIS, M. A.; BERLINCK, R. A. (2007). "Eu disse pra ele" ou "disse-lhe a ele: a expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. In: Ataliba Teixeira de Castilho; Maria Aparecida T. Moraes; Ruth E. V. Lopes; Sonia M.L. Cyrino. (Org.). Descrição, história e aquisição do português brasileiro. 1 ed. Campinas/São Paulo: Pontes/FAPESP.

TORRES MORAIS, M. A., BERLINCK, R. A. (2006). A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; Almeida, N. (Orgs.) Novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, Vol. VI- Tomo I.

TORRES MORAIS, M. A.; LIMA-SALLES, H. M. (2007) Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. Talk presented at the 37th Linguistic Symposium on Romance Languages, University of Pittsburgh.

TORRES MORAIS, M. A.; RIBEIRO, Ilza; FERREIRA, Michael J. (2008). Rastreado dativos de 3<sup>a</sup>. pessoa na "Grammatica" de Fernão de Oliveira. Salvador: UFBA.